



11

FRANCISCO FOOT HARDMAN

Pai, filho: caligrafias do afeto

A tragédia foi se multiplicando. Após o crime da Piedade, em agosto de 1909, que resultou na morte de Euclides da Cunha, seus dois filhos mais velhos terão sorte semelhante. Solon da Cunha, o primogênito, delegado de polícia, morre em condições obscuras, numa diligência nos seringais do Acre, município de Tarauacá, em maio de 1916, num tiroteio envolvendo homens de barracões no rio Jarupari. No relatório policial, eivado em termos dramáticos nada protocolares, o escrivão narra que, depois de ferido à bala, temendo-se novo ataque, tratou-se

“logo da condução de Solon em uma rede, o que se fez, partindo-se, dali, às seis horas da tarde, e, assim, andamos em busca da barraca Revolta, por um varadouro horrível até às 9 horas da noite, hora em que o saudoso Delegado fez parar o pessoal e perguntou se estava com a fala mudada, dizendo estar quase cego, dando em seguida um longo suspiro e disse: ai meu pai! e faleceu o nobre e distinto brasileiro Solon da Cunha, no sagrado cumprimento de seus deveres” (1).

FRANCISCO FOOT HARDMAN é professor da Unicamp.

NA PÁGINA ANTERIOR, EUCLIDES DA CUNHA, EM RETRATO DE CÂNDIDO PORTINARI

1 Hélio Athayde, *Atualidade de Euclides*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1989, p. 221.

O *Jornal do Commercio* de 5 de julho do mesmo ano, ao comentar o episódio, acrescenta-lhe maior grau de dramaticidade, afirmando que o referido relatório policial não viera, até então, à tona, porque “pessoas amigas dos filhos de Euclides da Cunha (...) temiam excitar ainda mais com ele o ânimo já excitadíssimo de Euclides da Cunha Filho” (2).

Mas, de fato, não se evitou o pior. Datado de 2 de julho de 1916, surge um texto assinado por Euclides Filho — Quidinho na alcunha que o pai firmara, o segundo da linhagem do escritor, então com 22 anos —, intitulado “A Verdade sobre a Morte de Meu Pai”, espécie de manifesto do desejo de morte e vingança, que inicia com:

“Há muito tempo que, moído por um natural sentimento de ódio ao assassino de meu malogrado pai, dr. Euclides da Cunha, desejei expor ao público a verdade nua e crua sobre o covarde assassinato cometido pelo consumado bandido Dilermando de Assis. Não o fiz devido a ter que envolver nesse lamentável acontecimento a pessoa de minha mãe”

e termina, edipiana e irremediavelmente enredado, assim: “A justiça não procedeu como devia! Quem deverá castigar semelhante crime! O futuro dirá !...” (3).

Não houve futuro. Dois dias depois deste presuntivo juramento de vingança, a 4 de julho, Euclides Filho é morto pelo matador do pai, depois de tentar alvejá-lo, na porta de um cartório, no Rio de Janeiro.

Restou muito pouco da memória dessas tragédias complementares: universais, por um lado, tipicamente nacionais, por outro, reveladoras da dialética perversa entre violência e afeto nos fundamentos societários da família brasileira, profundamente enraizada entre nós, assunto de já tanta história e literatura. A Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional conserva, a propósito, fragmento de apenas uma folha do texto atribuído a Euclides Filho, com sinais visíveis de que terá sido queimado todo o restante, isto é, sua quase totalidade (4).

Na mitologia euclidiana, muito se falou sobre o cérebro do genial criador de *Os Sertões*, guardado em formol no Museu Histórico Nacional para futuros estudos e averi-

guações, e transportado, com pompa solene e mórbida, bem conforme ao messianismo brasileiro, em setembro de 1983, para seu município natal, Cantagalo, convertida a casa em que nascera num pequeno museu (5).

Mas, certamente, desde Afrânio Peixoto, médico-escritor amigo de Euclides, então chefe dos Serviços Médicos Legais da Polícia, e Roquette Pinto, diretor do Museu Histórico Nacional, os que se aventurassem no temerário caminho de promover ciência devassando aquele encéfalo esbarrariam nos limites da própria razão. Por trás do foco pretendido com as luzes cefálicas, ocultam-se motivos de coração, estes sim historicamente determinados e cientificamente determinantes. Românticos por excelência, como aliás o foram em grande parte a concepção de mundo e expressão literária euclidianas, tais motivos e mistérios insinuam-se delicada e fugidamente nas caligrafias que o afeto desenha, por exemplo, em cartas familiares que surgem, assim, como “vestígios do dia”, afeto que se contém nas barras da autoridade imposta e do superego cristalizado; afeto que quase nunca é dito como tal, inscrevendo-se, porém, caligráfica e cartograficamente em folhas de papel que certa deusa das lembranças, feminina e acolhedora, capaz de aplacar, por algum século, a fúria destrutiva de Zeus, nos restitui agora.

Afeto que desapareceu nas malhas da civilização. Civilização que se selou a pólvora e sangue. Cujo ciclo vingador deixa sinais, por toda parte, da enorme fragilidade do processo. Curto-circuitado, este, pelo afeto não-resolvido, explosivo. Afeto que permaneceu como resíduo, entretanto, na grafia feita com tinta, pena e papel, em folhas e cartões. Que os correios timbraram e expediram, muita vez estimulando, na sua volta, respostas, ora breves ora longas, ora no mais do tempo para sempre extraviadas. Correspondência que a memória, ela também deusa manuscrita, reteve para nós. Vestígios à espera de serem re-significados. Vestígios do dia antes da morte do patriarca e suas criaturas. Fragmentos mínimos, sabemos, de um discurso amoroso. Que, portanto, esperava: não a vingança, mas o encontro pai-filho, a identidade reconstituída e mutuamente reconhecida. Mas todas essas paixões estão desaparecidas no firmamento da grande história, sepultadas por narrativa fúnebre, na crônica ritual dos obituários,

2 Idem, *ibidem*, p. 219.

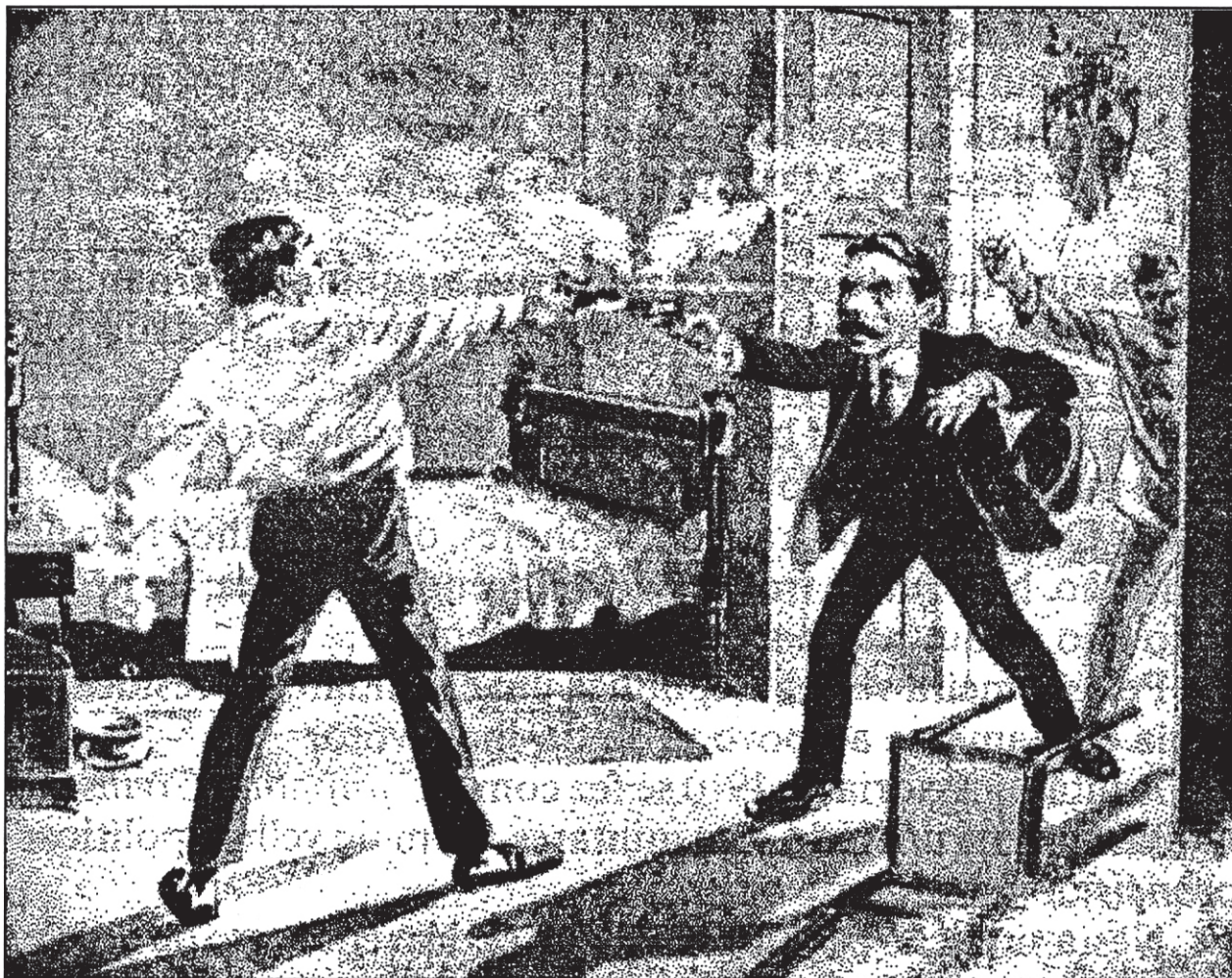
3 Euclides da Cunha Filho, “A Verdade sobre a Morte de Meu Pai Euclides da Cunha”, in *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, 15/ago./1916. Republicado também pelas revistas *Euclides* (Rio de Janeiro, 1 (11), p. 171, 1/fev./1940; 1 (12), p. 184, 15/fev./1940; 2 (1), p. 12, 1/mar./1940; 2 (2), 26, 15/mar./1940) e *Dom Casmurro* (Rio de Janeiro, 10 (439/40); pp. 60-1, mai./1946).

4 Cf. Biblioteca Nacional, MS: I-4, 18, 21.

5 Cf. Athayde, *op. cit.*, pp. 211-18.

6 A correspondência entre Euclides e filhos encontra-se arquivada na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, entre os códices MS: I-4, 18, 3 e MS: I-4, 18, 26. Um cartão postal de EC a Quidinho, de 23/set./1908, localiza-se, avulso, em MS: Cofre 49 (*Album de Correspondência Passiva*). No próximo item, salvo nota específica, estaremos sempre referidos a esse acervo. Boa parte dessa correspondência foi editada pela *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, IV (15), set./1959; pp. 80-94. A próxima publicação, pela Editora da USP, de toda a correspondência euclidiana, trabalho precioso organizado por Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti, dará, finalmente, o relevo histórico-literário merecido a esses materiais.

7 “O conceito de configuração serve portanto de simples instrumento conceptual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o ‘indivíduo’ e a ‘sociedade’ fossem antagonísticos e diferentes.” (Norbert Elias, *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Edições 70, 1980, p. 141). Nesta direção, Elias reavalia o lugar das ligações afetivas nas interdependências humanas.



debaixo da realidade mais inacessível da vida privada. Ante a morte que iguala valentes, convém perguntar pelo destino de alguma bala perdida, que nos leve para trás, *flash-back* embaçado em que se divisa, para além da linha do fogo cruzado, o peso possível e real das palavras, a esperança singular, irrepetível, que só o tempo-postal, materializado na intimidade manuscrita de poucos papéis-restantes, é capaz de evocar. A história, aqui, nada mais é do que esse correio imaginário, essa posta-restante sempre transitória, mas único albergue viável para esses pequenos vazamentos de corações solitários, pai-filho unidos no nome e na carne, na nervura sangüínea da escrita ocasional, bala perdida no folhetim da vida, caligramas do amor que precede a morte, ai meu pai, o futuro dirá?

Deixemos, pois, os índices racionais da tragédia, o inapelável fim do escritor e seus herdeiros, para aproximarmos-nos, minimamente, dos signos caligráficos do afeto (6).

Quem sabe ainda haja tempo e espaço. Corações também se grafam em manuscritos. Haverá quem duvide?

•••

A palavra pesa, não tanto quando está presente, mas sobretudo na falta, nas lacunas de silêncio que o tempo foi abrindo nas configurações humanas (7). As ligações afetivas entrevistadas na correspondência aqui selecionada referem-se a um núcleo documental rarefeito de cerca de quinze cartas, “bilhetes postais” e cartões concentrados nos anos 1907-08, cerca de um ano antes da morte de Euclides, num período de adolescência dos filhos.

Ovelha desgarrada, surge uma carta de agosto de 1905, endereçada por Solon da Cunha, de São Paulo, ao pai, então em viagem pela Amazônia. Os filhos estavam, naquele momento, cursando, na capital paulista, o Ginásio Anglo-Brasileiro, depois de experiência frustrante numa escola jesuíta de Itu. Esta carta destaca-se por sua rari-

DESENHO SOBRE A TRAGÉDIA DA PIEDADE, PUBLICADO EM O MALHO DE 1909.

dade contextual. O primogênito hesita na concordância verbal, mas concorda na identidade corpórea:

“Eu vou indo bem de saúde, e já estame (*sic*) acostumando com o clima de S. Paulo.

Eu estou forte e de corpo bem regular. Peça-lhe que me escreva o mais breve possível. (...)

Desejo saber como vai o sr. de saúde. Mande-me dizer eu lhe peço.

Adeus!”

Pois Euclides estava no Alto Purus, mal de saúde e bem de alma, lá pela região da fronteira do Acre com o Peru, onde, onze anos mais tarde, Solon se extraviaria para sempre, mal de corpo e alma. Retornando para Manaus de sua expedição oficial, Euclides teria esboçado a redação de um manuscrito sobre a ocupação violenta dos territórios amazônicos pela civilização colonizadora. Intitulava-se “Brutalidade Antiga”, primeira parte do que seria sua “segunda vingança contra o deserto”. Este possível manuscrito permanece perdido: em sua obra póstuma, *A Margem da História* (1909), que trata em grande parte dos sertões amazônicos, não aparece mais nenhuma menção àquele texto augural, pelo menos na forma primitivamente arquitetada.

Mas, aqui, permanecemos nas encruzilhadas abertas por manuscritos restantes, pelas formas verbais expressivas mais elementariamente desveladoras do forjamento dessas identidades primárias, que pesam ainda mais em sua dimensão significativa quando confrontadas com as maiores ausências: pai desbravador na selva do grande rio; ensaio manuscrito sobre a conquista do vazio que desapareceu na terceira margem da cultura.

Antes de chegar ao núcleo principal de cartas, convém assinalar essa primazia da experiência escolar como mediadora básica do afeto que aqui circula na configuração pai-filhos-pai. Toda a correspondência de que estamos tratando tem na escola um lugar central. As do período 1907-08 são remetidas sempre ao (ou do) Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, estado do Rio, nova incursão no mundo da educação jesuítica. Vale, pois, mencionar

o interregno de dois meses, lá por volta de 1906, em que os filhos de Euclides passam — numa vida escolar irregular e atribulada, resultado da itinerância e inquietude paternas — pelo Colégio Latino Americano, em Copacabana, fundado e dirigido pelo líder anarquista e poeta parnasiano José Oiticica, nos melhores princípios libertários da “escola ativa”, aliás *ativíssima*, como ele gostava de sublinhar. Dele recolhemos o seguinte depoimento:

“Dois meses depois (de matriculados) apareceu-me Euclides da Cunha. Recebi-o no patamar da escada. Ele foi-me abrindo os braços e exclamando:

— Venho dar-lhe um abraço. Meus filhos já aprenderam, no seu colégio, em dois meses, mais do que em três anos com os padres [ressalve-se o anticlericalismo visceral de J. Oiticica] — Como assim ? perguntei-lhe.

Euclides explicou-me que, no último domingo, perguntara aos meninos que estavam estudando. Responderam-lhe agrimensura, física, química, cosmografia, zoologia, botânica, etc. Espantado, indagou Euclides que sabiam eles de cosmografia. Respondeu-lhe Quidinho haverem estudado, nos dois meses, os movimentos da Terra, as fases da lua e de Vênus, a precessão dos equinócios, etc.

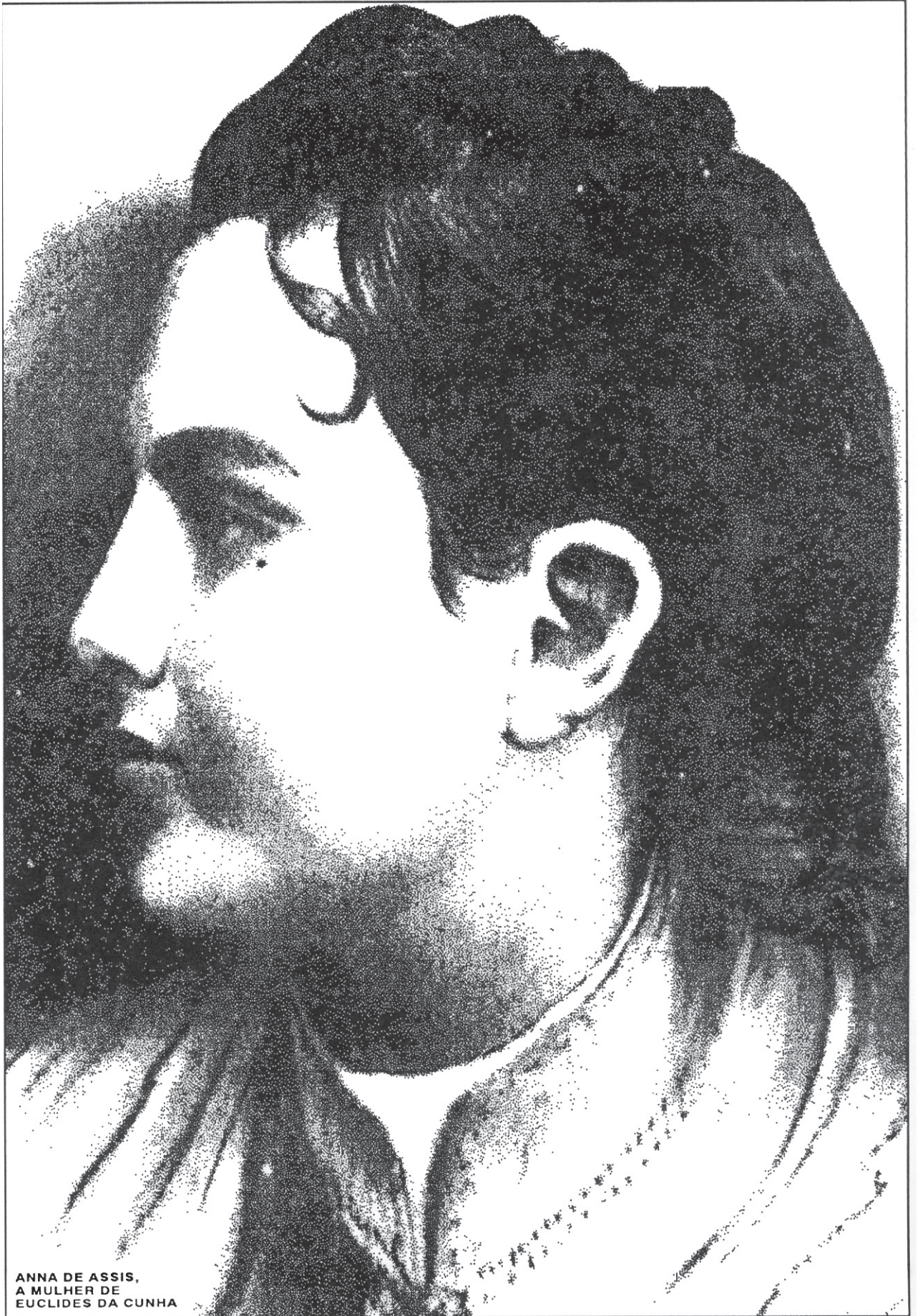
— Precessão dos equinócios ? Você sabe o que é isso, Quidinho?

— Sei, sim senhor”

Radiante com a “instrução viva” recebida pelos filhos, “em sua sã compreensão de engenheiro prático”, Oiticica afirma ter ficado surpreso com a brusca retirada dos mesmos de sua escola, num cartãozinho enviado por Euclides:

“Guardei por muito tempo esse cartão, único documento de nossas relações, além de um exemplar, com dedicatória, de sua conferência sobre Castro Alves. Perdi ambos numa das múltiplas refregas da minha agitada vida” [leia-se: fugas e prisões].

Recuperamos esses fragmentos memorialísticos porque inscrevem-se num mesmo contexto histórico-afetivo,



ANNA DE ASSIS,
A MULHER DE
EUCLIDES DA CUNHA

tendo como pano de fundo a vida escolar e o interesse do pai pelo aprendizado de dois pré-adolescentes. Ressalta-se, também, o elo perdido do cartão postal de Euclides para Oiticica. Este último reafirma a valência afetiva, cultural e política daquela relação, sua impossibilidade histórica e a melancolia de sua perda. E assim conclui sua “Lembrança de Euclides”:

“Meu colégio não podia vingar no Brasil. Faltou-lhe, de todo, a compreensão dos pais. Tive que fechá-lo.

Um ano depois, fui para Santa Catarina dirigir o colégio municipal de Laguna. Lá, soube da tragédia de Euclides.

Não poderia, entretanto, prever jamais as tragédias de Solon e Quidinho” (8).

Muito antes disso, e talvez até da carta de Solon, existe um cartão solitário de Euclides para o primogênito, provavelmente datado do período compreendido entre janeiro e setembro de 1904, quando o escritor fixou residência no Guarujá, litoral paulista. É possível que o filho estivesse interno no colégio de padres em Itu. Interessante, não só pela raridade da época de sua escritura, mas pelo afeto que se move no leva-e-traz acidental do correio, na caligrafia nômade do engenheiro, no tráfico infantil fundamental de figurinhas, no cultivo paterno do coração:

“Solon,

Recebi o teu cartãozinho. Estimei saber que estás bem. Há seis dias te escrevi. Vejo que se perdeu a carta. Todos em casa vão bem. O Quidinho gostou muito da figurinha dele que colaste na tua carta. Escrevo-te de Santos, onde estou em serviço, apesar de ser domingo. Voltarei logo à tarde para Guarujá e levarei o teu cartão.

Estuda sempre, meu filhinho! Quero te ver breve bem adiantado. Cultiva também o teu coração, porque ele vale mais do que a cabeça. Sede sempre bom, digno e forte.

E não te esqueças de escrever-me sempre. Marca, para isto, um dia certo da semana: a quinta-feira, por ex.: para eu esperar as tuas cartas”.

Mas nem a regularidade escolar do internato nem a disciplina férrea do engenheiro conseguiram controlar os sopros aéreos e imprevisíveis de Mercúrio. Essa correspondência escassa atesta as dificuldades de encontro, as incertezas do futuro profissional e familiar, a dispersão da afetividade por cartas nunca recebidas, as distâncias geográficas aprofundadas pelo trabalho itinerante e pelo estudo em regime interno. Por isso, o tema da saudade vai se alojando com força. Quando Euclides Filho, já por volta de 1907, orgulhoso de seu número de matrícula -- “N. B. O meu número é 373. Não repare a letra porque foi escrito com muita pressa” -- , interno do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, escreve:

“Querido pai
saudações

Com os olhos em lágrimas, escrevo-lhe esta carta que creio que vai encontrar o sr. gozando de boa saúde e felicidade (*sic*).

Não choro por cintir (*sic*) que o colégio seja ruim; é de saudades; a saudade e que me matam (*sic*)”

é porque algo de grave ocorre no imperscrutável domínio dos sentimentos; felicidade interrompida no meio da escrita, no fim de uma frase, entre choro e balbúcio, cintilações de soluços; algo de sério cultivado do interior para o exterior, segredo que não deve ser dito, mistério da alma que ainda não encontrou sua forma: “Quero que o sr. e mamãe tenham uma grande surpresa em São João a qual vou aprontá-la como o marimbondo apronta a sua moradia”.

Em meio à caligrafia claudicante, à escrita penosa, ao adeus que não se afirma mas interroga, vêm estas notas sobre artes musicais e marciais, o pedido da aula extraordinária, a queixa sobre a falta do objeto ordinário:

“Principiei a estudar violino só me falta é aprender florete, creio que o padre reitor não sabe que eu tenho ordem e é preciso o sr. escrever para ele dizendo para mim entrar na aula de esgrima.

Eu não tenho caneca para pôr água para escovar os dentes e tenho passado muitos dias sem escovar os dentes”.

8 José Oiticica, “Lembrança de Euclides”, in *Euclides*, Rio de Janeiro, 2 (12), 1940, pp. 184-86.

E, na mesma seqüência, após a confissão do desleixo, a enunciação do desejo maior, o convite amoroso, a utopia da vida saudável, a saudade chorosa que se refaz na vontade enorme de reunião, de proximidade física, de romper o círculo fechado do internamento com a visita do personagem principal:

“O senhor precisa chegar até aqui o mais breve possível para o colégio e passar uns dias aqui em Friburgo, não só para me satisfazer como para a saúde do sr. pois o sr. escreve tanto e está muito magro e é capaz de ficar muito doente e eu como filho estimado não quero que o sr. fique doente”.

Talvez resida aqui o núcleo central do desejo, Eros que quer afastar Tânetos, menino que deseja o pai escritor, que ensaia argumentação na lógica da retórica adulta, que se esforça ao máximo, por trás de pontuação falha e sintaxe rude, em disfarçar a falta que lhe faz aquele visitante improvável nas noites frias da serra fluminense, aquele homem tão raramente visto e tão fortemente amado.

Mas ter pai não é dádiva fácil. Muito do afeto de Euclides esconde-se na máscara modelar da severidade professoral. A 19 de março de 1908, início de novo ano letivo, a preleção epistolar reitera os temas correlatos do juízo e do coração e, talvez por isso mesmo, novamente a caligrafia entra em jogo:

“Achei a tua letra pior do que no ano [1907]. Vê, por aí, o que são dous meses de vadiação. Eu espero, porém, que doravante terás mais juízo, para tua e nossa felicidade. Já debes estar convencido que nenhum lucro há em ser-se mau ou descuidado nos deveres. E como és inteligente, trata de ser bom, aplicado e limpo para seres verdadeiramente feliz. — Confiamos todos no teu coração certo (*sic*) de que não nos fará sofrer - e que cumprirás a tua promessa de um ano mais bem aproveitado. Assim também terás férias melhores e mais alegres”.

Inteligência, bondade, aplicação e limpeza: eis aí os componentes da felicidade verdadeira, nesse caso, mais estóica do que “amiga feroz” (9). E, na carta do dia seguinte, datada de 20 de março, Euclides prosse-

gue na linha de “educação dos sentidos”, introduzindo a questão da necessidade de método e insistindo na mesma tecla: “Precisas fazer mais exercício de caligrafia”.

Cumprido o ano escolar com abnegação, lealdade e disciplina — “Um pouco por dia quer dizer *muittissimo* por ano” - Quidinho candidata-se a entrar no mundo dos homens e a receber o pai como prêmio maior: “Assim serás um homem, e terás sempre ao teu lado como maior amigo o teu pai. Euclides da Cunha”.

Mas será esse filho homônimo, que já subscreve como “Euclides no. 373”, em maio de 1908, vacilante na ortografia e determinado no afã de conquistar o pai — “Creio te dar gosto dizendo que vou tirar postos de honra não é verdade?” —, que pede roupas porque está “crescendo (*sic*) muito, pois até vais achar diferença em mim”; é este filho claramente preferido — querido Quidinho — que pede ao pai mais selos para sua coleção, transporte lúdico e onírico fundamental, elo decisivo na passagem da infância à história, iniciação mágica aos panoramas vastos dos viajantes: “Quantos selos já tendes para me mandar? A minha coleção está muito boa” (10).

Se esta fosse uma narrativa fictícia, se este fosse um enredo romanesco, diria que aqui desponta a inflexão do sublime a interferir na cadência da prosa, que já incursiona qual ave escapista pelos territórios da poesia e que a resposta para os espaços em branco da coleção de selos pode se expressar assim, numa carta do pai, de 12 de junho: “Diz-me se recebeste dous livros de Julio Verne (que só debes ler no recreio). Responde logo, e recebe um abraço do teu pai e amigo”.

Avançaríamos mais, com pouca margem de erro, ao concluir que os livros em questão seriam *Viagem ao Centro da Terra* e *Cinco Semanas em Balão*, ou *20 Mil Léguas Submarinas*, périplos subterrâneo, aéreo e marítimo, a circunferência do mundo por dentro e por fora, há algum outro dom de verdadeiramente maior grandeza que um pai possa oferecer?

Num cartão seguinte, com carimbo de 26 de junho, Euclides pai adota, no endereçamento, o “Aluno nº 373”, a precisão da ordem numérica revelando, ao mesmo tempo, respeito à instituição escolar e acatamento da postura do filho, cioso de seus algarismos. E aí Euclides, coisa tão rara, claudica na expressão:

9 Cf. o interessante conjunto de ensaios de Ronaldo L. Lins, *Nossa Amiga Feroz: Breve História da Felicidade na Expressão Contemporânea*, Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

10 Numa interessante passagem de *O Ateneu*, de Raul Pompéia, o aluno-cronista enumera caoticamente o que seria esse aprendizado primitivo e mágico do mundo das nações pelo mundo dos selos, suas imagens remetendo ao delirante exotismo de pais desconhecidos.

OS DOIS FILHOS
MAIS VELHOS DE
EUCLIDES DA CUNHA,
SOLON E EUCLIDES
FILHO, CONVERSAM
COM O JORNALISTA
LEAL DE SOUZA (A
CARETA, 21/8/1909).



“Recebi a tua cartinha, ficando satisfeito (*sic*) com as boas resoluções, que revelas, de fazer os maiores esforços para conseguir situação vantajosa nos estudos. Que a isto se alie o respeito e a veneração aos mestres”.

O filho esforçava-se. Em setembro de 1907, por exemplo, o pai reitor enviara ao filho cartão impresso do Colégio Anchieta com a menção de que: “Nos certames literários (...) o Sr. Euclides da Cunha Junior obteve em Francês o posto de 1º Coronel”.

É de supor que tenha agradado, ao progenitor, por várias outras de suas manifestações, essa condição de honra a um só tempo hierárquico-militarista e letrada da premiação em pauta. Na mesma carta em que anuncia os livros de Julio Verne, a 12 de junho de 1908, Euclides assim admoestava o filho:

“Infelizmente ainda não tenho boas informações a teu respeito. Mas confio na tua nobreza de sentir, convencido de que farás tudo quanto puderes para não me dares desgostos.

Notei que não estás na lista dos que obtiveram o banco de honra. Não importa! Continua a estudar com vontade e constância que obterás o prêmio merecido”.

Um ano depois, a 23 de setembro de 1908, tem-se a última correspondência dessa série. Euclides pai envia-lhe um *Bilhete Postal*, cartão em impresso próprio dos correios, pré-franqueado ao preço de 50 réis, estampado nas bordas de uma rica gravura em fundo azul, tendo como motivo o centenário da abertura dos portos, evento cuja comemoração, naquele ano, ensejara a Exposição Nacional. O tema da mensagem é recorrente: maior aplicação nos estudos acarretará férias felizes e tranquilas. Um mês antes, em agosto, Euclides enviava um desses bilhetes postais a Quidinho, contendo, na frente, bela litogravura em tom verde, que celebrava a própria Exposição Nacional de 1908, seus pavilhões erguidos na Urca e o Pão de Açúcar bem ao fundo, a deusa do Progresso no primeiro plano com o ramo de oliveira erguido, recostada entre o globo terrestre e uma roda dentada de engrenagem, ali no que seria a praia de Botafogo, janela para todos os escapismos da era de Verne, viagens fantásticas prometidas ao “Aluno nº 373”:

“Podes vir para ir à Exposição.

Previne-me do dia da partida. Abraçote. Responsabilizo-me”.

Poderíamos fixar este instante como a mais sublime representação de um encontro ideal, imaginando o que teria sido (não se sabe se, com efeito, ocorreu) essa viagem pelos pavilhões feéricos do delírio tecnológico modernista, o adolescente saindo da reclusão do internato para o “infinito artificial” de um passeio enciclopédico e ciclópico, conduzido pelas mãos do pai-engenheiro-escritor, às voltas, então, ele também, com o caos do universo e os dramas insolúveis da existência, com os impasses da modernidade brasileira e o vazio da burocracia de Estado — e com o deserto da ordem familiar (11). De que ele próprio não conseguiria jamais libertar. Sina que seus filhos seguiriam cegamente, presos nas malhas de afeto cativante ao extremo de cativo e tragédia.

Por isso o devaneio do encontro, da viagem de Julio Verne ao vivo, é tão fugidivo. No mesmo mês, em carta de 13 de agosto, restaura-se a hierarquia e a idéia de “resignação superior”. Curiosamente, no momento em que a assimetria é reposta sob o signo da obediência sagrada, Euclides pai dirige-

11 Reporto-me, aqui, a outro artigo recente que fiz em torno das relações de Euclides com os temas da margem, do infinito, da desordem e do mistério: cf. “Estrelas Indecifráveis ou: um Sonhador Quer Sempre Mais”, in *Utopia e Modernidade*, Curitiba, UFPR, 1994. Sobre o topos da viagem, ver Sergio P. Rouanet, *A Razão Nômade: Walter Benjamin e Outros Viajantes*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1993. Sobre o “infinito artificial” e demais componentes de uma estética do sublime, baseio-me em: Edmund Burke, *Uma Investigação Filosófica sobre a Origem de Nossas Idéias do Sublime e do Belo*, Campinas, Papirus/Unicamp, 1993 (ed. orig., pp. 1757-9).

se não mais a Quidinho, mas simplesmente a “Euclides”, igualdade aparente só nos nomes; identidade, porém, suficientemente forte para tornar seus portadores em personagens marcados para matar ou morrer:

“Quero que respeites mais aos teus mestres — porque eles, aí, me representam; de sorte que não tens de envergonhar-te das repreensões que eles te dirijam. É um engano imaginares que a insubmissão seja própria de um homem verdadeiramente altivo. O homem verdadeiramente altivo é o que evita ver-se na posição de merecer uma censura. É o que deves não esquecer. E, dada a infelicidade de um erro, de que não estás livre, mesmo em virtude da tua idade, deves submeter-te às suas conseqüências. Sem esta resignação superior nunca serás um homem útil. Mas eu sei que és bastante inteligente para veres e avaliares o valor do que estou dizendo-te; e que farás o que em ti couber para satisfazer a minha vontade”.

Os fios do desejo fluem pelas caligrafias que o tempo ainda não apagou. Por certo, havia vários Euclides por trás da retórica da submissão, dialética da autoridade em que se entrevia, em alguns momentos, o homem solitário, exaurido, agoniado. Vontade aparentemente férrea de um ego frágil na emoção: cabeça incapaz de controlar os acessos aos labirintos do coração, de fazer esta viagem e retornar sã e salva. Na armadilha do subúrbio, um corpo tomba sem piedade. E, com ele, uma das consciências mais agônicas da tragédia maior que se desenrolara no país em 400 anos de história. A crônica policial da periferia do Rio condensava um mito. E os filhos também lá estavam.

Hoje, folheando essa correspondência singela e tocante na sua integridade amorosa, fragmentos de paixão e promessa na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, choca-nos ainda mais, após tantos sonhos de dedicação e bondade, de firmeza e saudade, de encontro e lealdade, esta página semiqueimada, solta, codificada em MS: I-4, 18, 21, atribuída a Quidinho, resto do manifesto-vingança que se datou em 2 de julho de 1916, onde se lê, em letra apressada:

“(…) horas da madrugada e retirando-

me em seguida para o quarto de Dinorah, passei a noite em claro.

Na manhã de 15 agosto [1909] achava-me no quintal, enquanto os outros tomavam café.

Repentinamente ouço uma forte detonação seguida de duas mais fracas. Pensei que fosse brincadeira [a palavra brinquedo riscada abaixo] dos irmãos Assis. Vendo, porém, que continuavam corri em direção das detonações.

Ao chegar no meio do corredor que dá, da sala de jantar para a de visitas, ouço o Dinorah dizer: ‘Pega o outro revólver, Dilermando, acabe com ele’.

Vendo que matavam alguém corri, sem saber que fosse papai, para defendê-lo. Precipitei-me de revólver em punho contra Dilermando.

Senti ao mesmo tempo um murro — continua —.”

O drama continuou, sim, mas não nessa folha de papel, onde o acaso vulnerável do manuscrito torna difícil suportar sua interrupção. Na vida real, para além do relato bruscamente suspenso, o drama durou pelo menos mais sete anos, com uma das mais impressionantes repetições do desfecho.

Em nossa investigação, porém, não se trata de regravar a cena policial, nem de reconstituir os crimes. Se possível fosse, gostaria de apenas tomar a correspondência pai-filho, sobretudo as cartas, cartões e bilhetes postais sobreviventes do período 1907-08, como o território caligráfico de sonhos a serem restaurados. Assim posto, esse inquérito seria antes onírico: selos a serem descobertos, Verne a ser lido num recreio sem fim, Verne a ser visto e revisto nos panoramas mágicos da Exposição Nacional, pequena surpresa para a festa de São João, marimbondos que aprontam sua moradia, violinos e floretes lado a lado, pai e filho juntos, palavras trocadas com afeto, letras escritas com afinco, havendo, para aquém do fim absurdo e da separação sem retorno, essa breve e cintilante história postal, que não deu em quase nada, pessoas e promessas esvaídas em sangue, história postal e minúscula cuja condição memorável os correios nacionais propiciaram, caligrafias inquietas, aéreas, pequenas manias manuscritas, vestígios insensatos, desenhos incertos de tais homens “verdadeiramente ativos e felizes”.